

Vídeo Entre-linhas: Educomunicação como Base do Protagonismo Jovem

CLÁUDIA HERTE DE MORAES

Introdução

O projeto “Vídeo Entre-Linhas: formação de jovens realizadores em Frederico Westphalen e região”¹ é desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. Voltado à cultura e à educomunicação, a atividade tem como meta inserir e situar os jovens no consumo e produção de materiais audiovisuais, de forma crítica e dialogada. O principal objetivo é capacitar jovens de comunidades rurais e periféricas da microrregião para a produção audiovisual, por meio de realização de oficinas em diferentes locais. Um dos resultados do projeto é a produção de pequenos vídeos, geralmente em forma de documentário, nos quais podemos visualizar a forma de manifestação dos grupos de jovens participantes. Com idades entre 11 e 17 anos, e morando nas comunidades rurais ou periféricas, eles são protagonistas em diferentes sentidos: quando são filmados e aparecem nos filmes, quando estabelecem os roteiros, as cenas, os temas e problemas que são abordados pelos vídeos.

Estabelecemos que uma característica fundamental da Educomunicação é abarcar temas transversais, com o objetivo de integrar informações e conhecimentos das pessoas envolvidas, sendo portanto uma metodologia participativa, a priori. Ou seja, apenas a partir de uma metodologia participativa, oriunda dos pressupostos educacionais, é possível despertar nos jovens sua capacidade de protagonizar a sua leitura de mundo. Esta discussão remete, portanto, aos critérios pelos quais fazemos educomunicação com os jovens.

1 Projeto contemplado com recursos do Edital Proext 2016.

O processo educomunicativo se vale do uso das tecnologias de comunicação e informação para formar um sentido sobre a comunicação desenvolvida. Ou seja, para além do aspecto técnico e tecnológico, os meios são, portanto, mais que meros instrumentos para melhorar o acesso das pessoas aos bens culturais.

Desta maneira, refletimos neste *paper* sobre o processo de educomunicação, entendido, prioritariamente, como forma de inclusão social e no empoderamento jovem. Nos vídeos, ganham espaços as ideias de “mostrar a minha vida”, ou “o nosso modo de vida”, expresando uma estratégia identitária. Os jovens se interessam em mostrar a vivência nas escolas, nos trabalhos cotidianos da zona rural, bem como a relação da juventude com problemas socioambientais.

O processo educomunicativo

A ação é voltada à cultura audiovisual e toma como base os pressupostos da educomunicação, entendida como um processo de construção da autonomia a partir do uso de recursos de comunicação. Com o projeto, é possível situar os participantes nas relações com os meios de comunicação de massa, buscando capacitar jovens de comunidades rurais e periféricas da microrregião de Frederico Westphalen para a produção audiovisual. A partir da realização de oficinas em diferentes locais, o grupo de acadêmicos orienta os participantes na produção de vídeos próprios, para os quais não há predefinições, sendo portanto um espaço em que os jovens podem expor suas opiniões e valores de forma livre, retratando suas realidades a partir da vivência cultural em que estão inseridos.

Ao final de cada oficina, o grupo finaliza o vídeo e este passa a fazer parte das mostras realizadas pelo projeto, e fica disponível no canal do Youtube². Nas mostras, os jovens têm a oportunidade de divulgar a sua produção para seus familiares e comunidade em geral, valorizando suas perspectivas socioculturais. A partir destes movimentos, é possível fazer uma reflexão sobre a importância do audiovisual no processo de inclusão social e no despertar da crítica de do protagonismo jovem.

Os participantes das oficinas se apropriam da narrativa e da linguagem do vídeo, tornando-se produtores e não apenas consumidores culturais. O vídeo final materializa suas visões acerca dos mais diversos contextos sociais nos quais estão inseridos. A mostra itinerante é um instrumento importante para dar voz à comunidade e para que as pessoas possam se ver representadas em um produto cultural.

2 Canal do Vídeo Entre-Linhas: <https://www.youtube.com/channel/UCapE6ht6zEVC8Zz1dbZUnrA>

A importância do vídeo comunitário

A popularização no acesso aos conteúdos disponibilizados por meios audiovisuais como a televisão massifica uma série de representações sobre a juventude e suas identidades. Ao mesmo tempo, pode-se compreender que há assimetrias entre o que é visto na televisão e de que forma os receptores percebem esta produção, geralmente centralizada e homogênea. Pensamos que os jovens que não estão nos espaços urbanos ou rurais retratados na mídia podem entender de forma diferenciada as realidades vivenciadas, ou apenas reproduzir estas mesmas representações, por serem massivas e constantes.

Vemos na tensão constante da comunicação e da cultura um ponto de partida importante para visualizar não apenas o que é hegemônico, como também contemplar o diferente, a diversidade. Com isso, podemos pensar o audiovisual comunitário, e a formação para o audiovisual, como formas importantes para o despertar da diferença e da percepção de que as representações são construídas socialmente. Com o audiovisual comunitário, temos a chance de vislumbrar o acesso não apenas aos conteúdos prontos distribuídos pela televisão, mas perceber o processo de narrativas e o resultado destas em relação aos públicos diferenciados.

Desta forma, a produção de audiovisual comunitária atua diretamente ao fortalecimento da democracia. Com a ideia de pluralização, os vídeos trazem perspectivas e discursos que são invisibilizados socialmente e, ainda, ao fazer isso, podem se contrapor aos estereótipos negativos. Assim, a pluralização “afeta a trama intersubjetiva de sentidos, não apenas pelas temáticas que são abordadas, mas também pelo modo como tais temáticas são encarnadas na linguagem audiovisual” (MENDONÇA, 2010, p. 26-27).

Em relação ao direito à comunicação, vemos uma aproximação importante com o conceito de Educomunicação, quando Mendonça (2010) afirma que “a centralidade do processo” afeta o direito de formular argumentos, elaborar o próprio produto audiovisual, que pode impactar a forma como estes sujeitos agem em outros ambientes comunicativos.

A Educomunicação é entendida como:

processo, rico em detalhes, cheio de incongruências, ao mesmo tempo compreensível e difícil de entender, atraente, fascinante e pleno em problemas de toda ordem... É o processo certamente denso que vale a pena ser vivido e registrado. É neste sentido que a Educomunicação é campo de entendimento, portanto discursivo, e também de prática, portanto político (SOARES, s.d, p.5).

Também, o processo educomunicativo é parte da prática da crítica da mídia. Sobre o “sistema de resposta social”, Mendonça (2010) compreende a atividades de resposta da sociedade em interação com produtos midiáticos. Ou seja, é uma forma de criar uma circulação que seja para além dos meios, fomentando um fluxo comunicativo e confrontando o que é formatado pela mídia. Portanto, ao propor uma produção comunitária, estamos estimulando que os usuários se coloquem em outra posição. Para Mendonça (2010, p.35), a produção audiovisual comunitária é entendida como parte do fluxo comunicacional, e sua contribuição está adiante dos próprios produtos, visto que pode contribuir na interface com outras esferas sociais.

Educomunicação e protagonismo

A Educomunicação é colocada como essencial para o trabalho de temas transversais, pois valoriza o conhecimento como um todo. Assim, as tecnologias têm papel especial e devem ser usadas para melhorar o processo de todos, professores, alunos e comunidade. Conforme Peruzzo: “trata-se de uma linha de estudos em expansão e que tem trazido contribuições significativas para a compreensão de tais fenômenos, no entanto ainda não é suficientemente compreendida e valorizada pelos educadores e comunicadores” (PERUZZO, 2002, online).

O tema se mostra essencial na reflexão da prática das oficinas realizadas. Uma das questões levantadas está diretamente ligada ao pressuposto da interação dos jovens no processo educomunicativo. Na experiência do projeto, percebemos o quanto o vídeo, a televisão ou o cinema são ao mesmo tempo presentes, pela cultura audiovisual de nossa época, quanto distantes, pelo pequeno papel de discussão destes elementos no ambiente da escola.

as novas gerações têm seus valores, opiniões e atitudes sedimentadas por veículos que não se interessam propriamente em sua educação, que não assumem explicitamente seu caráter pedagógico, mas que acabam freqüentemente por influenciar mais profundamente a juventude que a educação desenvolvida na escola. A comunicação coloca-se, assim, no espaço da educação informal, que ocorre nas dinâmicas sociais do dia-a-dia onde o indivíduo se vê em interação com seus pares e com as manifestações culturais e informativas com que se depara. (PERUZZO, 2002, online)

As possíveis interfaces entre os meios de comunicação, suas práticas e técnicas e o meio educacional confirmam que é necessário reforçar que o papel formativo está no processo - e não o produto. Não se pode, então, separar a teoria e a prática de produção de mídia, encarnando, pois, o sentido de *mídia-processo*, que significa buscar uma metodologia de produção midiática baseada na experimentação coletiva. Assim, a Educomunicação é entendida como campo de ação prática, pois não se pretende evocar modelos ou testar as teorias.

Paulo Freire, que, no clássico texto *Extensão ou comunicação?*, focaliza os processos comunicacionais que se inserem no agir pedagógico libertador. Paulo Freire afirma que o homem é um ser de relação e não só de contatos como o animal; não está apenas no mundo, mas com o mundo. (SOARES, 2000, p..19)

No aspecto da intervenção política da educomunicação, pensamos com Freire (1987), que indica a humanização como o único caminho para a transformação social, que deve ser o eixo de ação do oprimido. Num primeiro momento, ao desvelar o mundo opressor, o oprimido se compromete a transformar a realidade de opressão. Assim, de forma generosa, Freire (1987) propõe que os oprimidos devem desejar não apenas sair desta posição (e tornar-se opressores), mas sim buscar a transformação social. A educomunicação torna-se uma prática urgente para que os oprimidos possam visualizar a opressão, bem como possam expressar suas ideias frente aos meios massivos em nossa sociedade que estão comprometidos com as elites, tanto cultural quanto economicamente.

A mobilização dos jovens em torno de seus projetos de vídeo foi uma observação importante, demonstrando o quanto a oportunidade de conhecer novas linguagens e equipamentos pode acrescentar perspectivas diferenciadas no âmbito social. Aponta-se, aqui, a necessidade de um processo de inclusão social que seja, ao mesmo tempo, uma inclusão tecnológica que permita a reflexão do audiovisual no cotidiano de cada um.

De acordo com as escolhas das temáticas, observa-se ainda que os jovens participantes mostram-se ansiosos em “mostrar a sua cara”, pois todos os temas estão vinculados à vida em comunidade, ao histórico dos lugares e aos hábitos mais peculiares do interior. A partir disso, pode-se indicar a necessidade de incentivo maior à promoção de oportunidades a estes jovens, com a mobilização política vinda da cidadania local (da qual a universidade deve fazer parte), bem como, principalmente, como política pública de incentivo à uma linha importante na atualidade, qual seja a educação para os meios.

Ainda neste tópico, fica evidente que, nos ambientes escolares, responsáveis pela maior carga de um possível “contraponto” ao que se vê nas emissões massificadas da grande mídia, ainda o audiovisual é pouco explorado. Isso denota a falta de intimidade dos próprios professores com a temática. Entre outras concepções, podem-se visualizar projetos de intensificação do uso do vídeo na escola, sempre acompanhado de um debate crítico do audiovisual, visto a sua fundamental importância na formação das identidades dos adolescentes.

Conclusões

Com base nos pressupostos da educomunicação, pensamos que o protagonismo na comunicação dá espaço de expressão às ideias da juventude, portanto, é um espaço para a “voz” do jovem; no campo da educação, o protagonismo, a partir das ideias da pedagogia do oprimido, faz surgir o conhecimento e, para além deste, a reflexão sobre a possibilidade da liberdade e da autonomia, desta forma, é um espaço para a “vez” destes jovens.

Nos espaços educacionais, e aqui analisamos as possibilidades de experiência específica do projeto Vídeo Entre-Linhas, trata-se exatamente de incentivar a voz e a vez destes jovens, que em grande medida estão excluídos das produções culturais, são desconsiderados como portadores de vivências e experiências, de conhecimentos outros, ou apenas tomados como “alunos”, antes do que “aprendizes”.

Como a busca do protagonismo jovem, o componente político da educomunicação, na linha de atuação freireana, pode resultar em processos de conscientização das relações de opressão, e com isso, indicam o caminho da transformação social como objetivo final da libertação de todos e todas.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. RJ: Paz e Terra, 1987.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Alguns argumentos em prol do audiovisual comunitário. In: LEONEL, Juliana de Melo; MENDONÇA, Ricardo Fabrino (Org). **Audiovisual comunitário e educação**: histórias, processos e produtos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, cap. I, p. 15-45.

PERUZZO, Cícilia M. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **PCLA**. (4): 1. Out. Nov. Dez/2002. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>> Acesso em: 20 jul 2016.

SOARES, Donizete. **Educomunicação - o que é isto?** GENS - Instituto de Educação e Cultura. Disponível em: http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunica-cao_o_que_e_isto.pdf Acesso: 15 jul 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez. 2000.

A AUTORA

CLÁUDIA HERTE DE MORAES - Jornalista, doutora em Comunicação e Informação (UFRGS), professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no campus de Frederico Westphalen/RS. Líder do Grupo Midiação - Educomunicação e Ambiente.

E-mail: chmoraes@gmail.com